

uso e ocupação do

SOLO

no Distrito Federal

CIDADE 21



PROGRAMA DE
EDUCAÇÃO
AMBIENTAL

Consulta Bibliográfica

- ALHO, C.J.R. & MARTINS, E. de S (eds.). De Grão em Grão, o Cerrado Perde Espaço (Cerrado - Impactos do Processo de Ocupação). Brasília/DF: WWF e Pro-Cer, 1995
- FONSECA F.O.(org.). Olhares Sobre o lago Paranoá (consulta eletrônica). Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Distrito Federal (SEMARH).
- GONÇALVES, C.da S. Política e Gestão dos Recursos Hídricos no Distrito Federal: Mudança e Conscientização em Face da Ameaça de Escassez. Monografia final do Curso de Especialização em Gestão e Auditoria Ambiental à Distância da Fundação Universitária Iberoamericana. Brasília, 2003.
- _____. A Ocupação Urbana Desenfreada Versus o Desenvolvimento Sustentável no Distrito Federal: Uma Análise Crítica. Monografia final do Curso de Especialização à Distância em Direito Público da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Brasília, 2004.
- GOVERNO FEDERAL. Promoção do Desenvolvimento de Mesorregiões Diferenciadas: Caracterização da Macrorregião de Águas Emendadas. Brasília: Ministério do Planejamento e Orçamento, 1998
- PAVIANI, A. (Org.). Brasília: Controvérsias Ambientais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- _____. Brasília Gestão Urbana: Conflitos e Cidadania. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- UNESCO. Subsídios ao Zoneamento da APA Gama-Cabeça de Veado e Reserva da Biosfera do Cerrado: Caracterização e Conflitos Socioambientais. Brasília: UNESCO, MAB, Reserva da Biosfera do Cerrado, 2003.
- _____. Vegetação do Distrito Federal: Tempo e Espaço. Brasília: UNESCO, 2ª Ed., 2002.

Consulta Eletrônica

- IBGE (www.ibge.gov.br)
- BELACAP (www.belacap.df.gov.br)
- CAESB (www.caesb.df.gov.br)
- Revista Eletrônica de Jornalismo Científico/SPBC (www.comciencia.br)
- Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Distrito Federal/SEMARH (www.semarh.df.gov.br/site)

Apresentação

É com grande satisfação que a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Distrito Federal - SEMARH/DF apresenta a série “Multimeios em Educação Ambiental”, fruto da parceria efetuada entre o Governo do Distrito Federal - GDF e o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID.

Os produtos desenvolvidos no âmbito do Programa de Saneamento Básico do Distrito Federal vêm colaborar para o alcance das metas estabelecidas por esta Secretaria no sentido de levar a educação ambiental a toda a nossa população.

“Multimeios em Educação Ambiental” é um conjunto de instrumentos educacionais que trata de temas ambientais fundamentais em uma abordagem interdisciplinar. Seus produtos foram concebidos de forma a atender essencialmente às escolas e comunidades, com a convicção de que estes agentes sociais representam grandes parceiros nas ações direcionadas para a melhoria da qualidade do nosso meio ambiente.

Esperamos que este material contribua para a “reconstrução” de uma nova realidade sócio-ambiental, primando pela sustentabilidade de nosso planeta.

**Secretaria de Estado de Meio Ambiente
e Recursos Hídricos do Distrito Federal**

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

SECRETARIA DE ESTADO DE INFRA-ESTRUTURA E OBRAS

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS

Diretoria de Educação Ambiental

Programa de Saneamento Básico do Distrito Federal

Projeto “Desenvolvimento de Metodologias de Educação Ambiental” - BID - SO - SEMARH

Coordenação Técnica

Ana Flávia Marquez Alcântara Alves

Cristiano de Souza Calisto

Luciana de Faro

Supervisão Pedagógica

Cristiano de Souza Calisto

Jacqueline Guerreiro

Luciana de Faro

Textos

Ana Flávia Marquez Alcântara Alves

Cristiano de Souza Calisto

Gustavo Borges

Ilustrações

Leandro Correia

Execução

AGRAR Consultoria e Estudos Técnicos S.C. Ltda.

Todos os direitos da obra reservados à Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Distrito Federal

D614

Distrito Federal (Brasil).

Uso e ocupação do solo no Distrito Federal / Secretaria de Estado de Infra-estrutura e Obras / Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos . -- Brasília, 2004.

24p.: il. Color.; 21x28cm

1. Solo - uso. 2. Solo - ocupação. 3. Educação ambiental. 4. Meio ambiente – Distrito Federal.

CDD 631.4

Uso e ocupação do solo no Distrito Federal

Índice

A marcha para o Planalto Central	6
Uma nova capital no interior	10
O desenvolvimento do Centro-Oeste	13
Transformações radicais	16
A busca de soluções	20

A marcha para o Planalto

“Prometo que em meu governo farei mudar a capital federal para o Planalto Central, conforme determina a Constituição”

Juscelino Kubitschek, em abril de 1955.

Quando Juscelino Kubitschek fez essa promessa, em discurso na cidade goiana de Jataí, durante a campanha eleitoral para a presidência da República, que acabou vencendo, Brasília ainda era um sonho e a região onde hoje está o Distrito Federal, muito diferente. Era praticamente desabitada, isolada do resto do país e com seus recursos naturais quase intactos. Mesmo diante da descrença de muita gente, JK cumpriu a promessa. Em 21 de abril de 1960, no meio do Cerrado, era inaugurada a mais moderna capital do mundo.

Todo processo de ocupação humana gera impactos sobre o meio ambiente. A transferência da capital do Rio de Janeiro para cá, com a construção de Brasília, uma mudança tremenda no meio ambiente local. Na maioria das vezes, a ação do homem e as transformações que ela provoca são maiores e mais fortes do que a capacidade de recuperação da natureza. Isso acontece principalmente quando o uso e a ocupação são feitos sem planejamento.



Central

No caso do Distrito Federal, houve planejamento, mas o crescimento foi muito mais acelerado do que se previa. Os males causados ao meio ambiente aqui nem foram tão graves quanto os de muitas outras regiões do país ou do mundo, onde não houve nenhum tipo de planejamento ou cuidado.

Mas a verdade é que aconteceram mudanças profundas. É importante que a gente saiba como tudo aconteceu e o que é preciso fazer para impedir um comprometimento maior do meio ambiente.

Primeiro, vamos voltar no tempo. Durante séculos, por estar no interior do Brasil, a região onde hoje é o Distrito Federal ficou isolada e sem sofrer grandes interferências. Quando os portugueses e outros europeus chegaram ao nosso País, a colonização se deu basicamente no litoral.

Este centro do Brasil, mais exatamente onde hoje está Brasília e as outras cidades do Distrito Federal, era uma espécie de ponto de encontro de tribos indígenas. Aqui aconteciam grandes festas indígenas.

Muitos desses grupos haviam fugido dos colonizadores, saindo do litoral e se transferindo para o Centro-Oeste. Eles possuíam culturas diferenciadas. Mas todos sobreviviam da mesma forma: caçando, pescando, coletando frutos e outros alimentos fornecidos pela própria natureza. Havia também o cultivo do milho. Mas eles viviam basicamente do **extrativismo**.

Extrativismo é a atividade na qual se tira qualquer coisa diretamente da natureza para consumo e comercialização. O extrativismo vegetal é diferente do cultivo, pois, neste último, o homem planta para depois colher.



BRAZILIA

CLIMA

Os primeiros homens brancos a chegar aqui foram os bandeirantes, que vinham em busca de ouro, pedras preciosas e salitre (utilizado para fabricar pólvora). Nessa época, milhares de índios foram mortos, escravizados ou fugiram para outras regiões. Isso aconteceu no final do século XVII e ao longo do século XVIII. Ou seja, cerca de 200 anos depois da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil.

Com a vinda dos colonizadores europeus à região Centro-Oeste é que começaram os impactos ambientais mais significativos. Os índios praticavam agricultura de subsistência, que é aquela necessária apenas para a sobrevivência. Isso quase não provocava mudança no meio ambiente. Com os colonizadores europeus, foi diferente. Exemplo disso foi o garimpo de ouro, que fez surgir as primeiras cidades da região, como Pirenópolis.

Mas já no século XIX houve o esgotamento do ouro e também das pedras preciosas e a economia local, pouco a pouco, foi sendo substituída pela criação de gado e pela agricultura de subsistência. A partir daí, a região onde hoje está o Distrito Federal permaneceu isolada do resto do país. O desenvolvimento acontecia no litoral, principalmente no Sudeste.

Aqui, o impacto da ocupação humana acabou se limitando praticamente às fazendas de gado, à agricultura de subsistência e ao extrativismo vegetal.

Mas essa realidade mudaria radicalmente com a construção de Brasília.

O garimpo impacta o meio ambiente porque requer grandes escavações, polui as águas e provoca desmatamento.



Os bandeirantes foram os primeiros homens brancos no Cerrado

Uma nova capital

Arquivo Público do DF



Os cientistas da Missão Cruls percorreram 4 mil km. no interior do Brasil

As antigas capitais do Brasil – Salvador e Rio de Janeiro – estavam no litoral, onde começou todo o processo de ocupação do nosso território. Mas desde o século XVIII já se discutia a necessidade de uma sede de governo localizada no interior da colônia. A idéia era que ela ficasse numa região mais distante, difícil de ser atacada em caso de guerra.

Durante muito tempo, esse projeto de uma capital no interior do país foi apenas o sonho de alguns, como Tiradentes e os inconfidentes mineiros, em 1789. Mas logo no início da República, a Constituição determinou que uma grande área no coração do Brasil fosse demarcada para sediar a futura capital. Em 1892, por ordem do presidente Floriano Peixoto, foi criada a Comissão Exploradora do Planalto Central. Liderado pelo cientista Luiz Cruls, esse grupo percorreu 4 mil quilômetros no interior do Brasil e ficou conhecido como Missão Cruls. Foram eles que escolheram e demarcaram o local exato onde hoje está o nosso Distrito Federal.

Mas foi só em 1956, com o governo de Juscelino Kubistschek, que houve a decisão definitiva de iniciar a construção. No dia 21 de abril de 1960, Brasília foi inaugurada, com a transferência para cá do Distrito Federal, antes localizado no Rio de Janeiro.

A partir de então, onde antes existia um cerrado quase que completamente desconhecido pelo país, surgiu uma cidade moderna, inovadora. Uma cidade inteiramente planejada,

no interior

verdadeira revolução urbanística e arquitetônica. Tanto que em 1987 foi declarada “Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade” pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, a UNESCO. Em 1990, foi **tombada** pelo Ministério da Cultura como “Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”.

Brasília, de fato, é muito especial. Desde o início, por exemplo, houve aqui a preocupação em conter o avanço da área urbana. Isto fez com que a cidade fosse pioneira em relação a questões sócio-ambientais. Antes mesmo da construção, foram feitos estudos sobre os impactos que a nova capital teria sobre o meio ambiente. Na época, não era uma prática comum no país. Hoje, esses estudos e análises são obrigatórios para a realização de qualquer grande obra.

Tombar uma cidade significa decidir que ela não poderá nunca mais ser modificada em relação ao seu projeto original. Isso só acontece quando se considera uma cidade muito especial, de grande valor histórico ou arquitetônico.



Ao fundo, o Palácio da Alvorada na época da construção de Brasília, antes da formação do Lago Paranoá

Como resultado desses estudos, foram criadas áreas dentro do Distrito Federal, definidas como Unidades de Conservação, com o objetivo de proteger e conservar os recursos naturais e limitar o crescimento urbano. Atualmente, cerca de 50% do território do Distrito Federal é constituído de Unidades de Conservação.

Mas apesar de todo cuidado, o planejamento original não foi seguido e muitos problemas aconteceram. Surgiram cidades em torno de Brasília, como Taguatinga, Gama, Núcleo Bandeirante, algumas delas antigos acampamentos de trabalhadores que vieram para a construção de Brasília. Esses acampamentos deveriam ser desmontados ao final das obras, mas não foi o que aconteceu com todos eles.

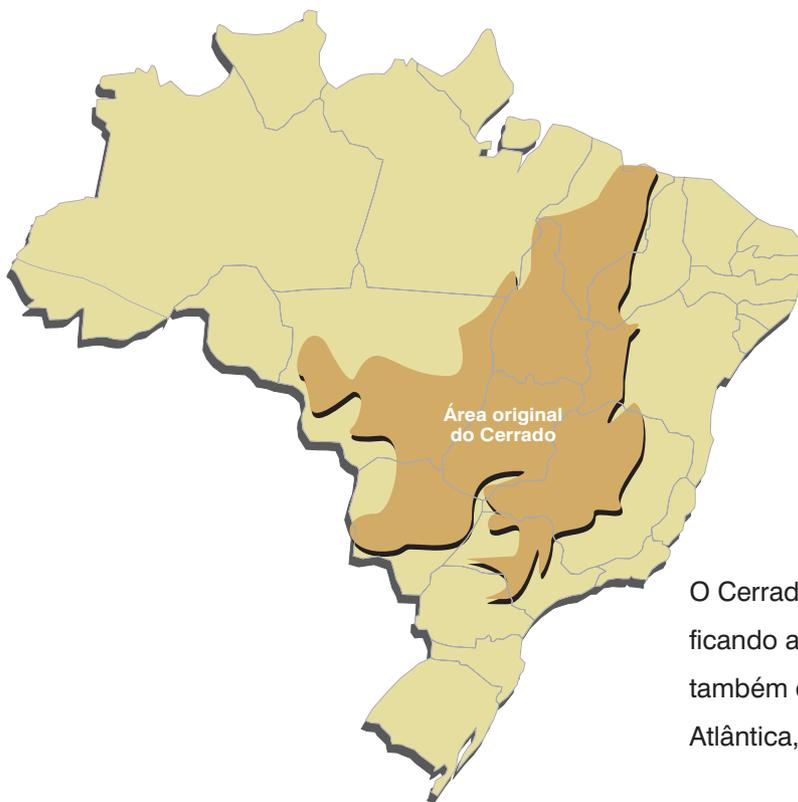
Desta forma, Brasília e as outras cidades que formam o Distrito Federal acabaram se transformando num pólo de atração e de desenvolvimento no Centro-Oeste. Nesta região, que no passado era considerada tão distante e isolada do resto do país, se iniciou um processo de crescimento econômico e urbanização muito forte. Se foi bom por um lado, porque trouxe prosperidade, fez surgir novos problemas, como veremos a seguir.



O desenvolvimento do Centro-Oeste

Para sabermos o que significou a ocupação do Centro-Oeste pelo homem e, principalmente, dessa região onde hoje é o Distrito Federal é preciso primeiro entendermos o que é o Cerrado.

Cerrado é o **bioma** predominante na região Centro-Oeste. Nós, aqui no Distrito Federal, estamos bem no meio desse bioma. Mas o Cerrado vai além do Centro-Oeste. Chega a partes da Bahia, Minas Gerais e São Paulo e ocupa quase todo o Tocantins.



Bioma é um grande conjunto de ecossistemas caracterizado por um tipo principal de vegetação. Ecossistemas, por sua vez, são qualquer conjunto de seres vivos e tudo o que os rodeia, com um influenciando o outro. Uma pequena porção de água, com diferentes microrganismos, por exemplo, é um ecossistema.

O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro, ficando atrás apenas da Floresta Amazônica. Mas é também o segundo mais ameaçado, depois da Mata Atlântica, que está praticamente extinta.

Muitas pessoas acham que, por não ser uma floresta de grandes árvores e matas fechadas e ficar seco uma

parte do tempo, o Cerrado é pobre e sem muita vida. É uma opinião completamente errada, pois é um ambiente riquíssimo em espécies vegetais e animais.

Várias delas existem também em outros biomas, como o Pantanal, a Caatinga, a Mata Atlântica e a Floresta Amazônica. É aqui que nascem importantes rios que vão participar da formação de três importantes bacias hidrográficas do país: Tocantins/Araguaia, Paraná e São Francisco.

Como já vimos, não faz muito tempo a região do Cerrado quase não era explorada. O que havia aqui eram fazendas com poucas cabeças de gado para enormes extensões de terra e a predominância de pequenas lavouras nas margens dos rios. Até meados do século passado, o Cerrado era visto como área de pouco potencial agropecuário. Como o solo daqui é muito ácido, as pessoas achavam que era impróprio para grandes culturas.

Mas a utilização de tecnologias modernas de cultivo, com a correção da acidez do solo, a utilização de adubos, irrigação e mecanização, acabou transformando o Cerrado numa das regiões agropecuárias mais importantes do país, e até do mundo. O fato de o Cerrado ser quase todo em terreno plano favoreceu muito a mecanização, facilitando o trabalho das colheitadeiras, tratores etc.



Juan Práginestós



Atualmente o cerrado produz grãos e cereais como soja, milho, café, feijão e arroz, além da mandioca. Frutas como manga, abacate, abacaxi e laranja são exemplos de outros produtos agrícolas da região. Há também a plantação de pasto para a criação de gado, além da extração de árvores nativas para a produção de carvão vegetal.

Mas a ocupação humana na região Centro-Oeste não aconteceu apenas em função da expansão agropecuária. Com a nova Capital Federal, gente de todo o Brasil veio para cá, atraída pela perspectiva de melhorar de vida. Isto fez crescer a economia em diversas cidades da região, estimulando o comércio e a indústria.

Só para se ter uma idéia do crescimento do número de centros urbanos, em 1940 havia 40 municípios na Região Centro-Oeste. Em 2001, já eram 463!

É claro que tanto crescimento em tão pouco tempo trouxe problemas. Foi ficando cada vez mais difícil o acesso a água, saneamento básico, habitação, saúde, educação e emprego para todo mundo. Aumentou muito o desmatamento e a poluição. Assim, o Centro-Oeste e o Cerrado entraram numa era de transformações radicais, com grandes ameaças ao meio ambiente.

Transformações

Como já vimos, desde a construção de Brasília houve uma transformação profunda na realidade do Centro-Oeste, do Cerrado e da região em que está o Distrito Federal. Ela se deu de várias formas, e em diferentes áreas.

A transformação pela agropecuária

O crescimento de áreas para a exploração agropecuária é uma consequência inevitável do crescimento da população humana. Quando um país e suas regiões crescem e se desenvolvem, será sempre preciso produzir mais alimentos.

O problema é que, na maioria das vezes, as atividades agropecuárias são feitas sem planejamento e respeito ao equilíbrio ambiental. Aqui no Cerrado, a expansão agropecuária vem causando desmatamento acelerado, assoreamento dos rios, esgotamento dos recursos hídricos e poluição por pesticidas e adubos químicos utilizados nas plantações.

Onde antes havia vegetação nativa com enorme diversidade de vida, ganharam espaço plantações a perder de vista. Principalmente grandes áreas de **monocultura**, como a soja. O grande problema da monocultura é que, além de empobrecer o solo, ela rompe com a biodiversidade, pois favorece o desaparecimento completo de determinadas espécies nativas de fauna e flora, ao mesmo tempo em que cria condições para o surgimento de pragas.

Monocultura é a atividade agrícola de apenas uma espécie vegetal.

Mais isso não quer dizer que o desenvolvimento agropecuário tenha sempre que ser extensivo e com grandes prejuízos ao meio ambiente. Com novas tecnologias, melhor planejamento e políticas de conservação do meio-ambiente, será possível desenvolver a região sem destruir por completo o meio-ambiente.

A criação de áreas de proteção, como o Parque Nacional dos Veadeiros, a 240 km de Brasília, é um exemplo de iniciativas que ajudam na conservação de partes importantes do Cerrado. O desafio, portanto, é: desenvolvimento com respeito ao meio ambiente.

radicais

A transformação pela infra-estrutura

Todo o crescimento econômico e o desenvolvimento do Centro-Oeste e do Cerrado foram acompanhados, naturalmente, por muitas mudanças na infra-estrutura local. Em meados do século passado, o isolamento da região era muito grande. Apenas duas ferrovias passavam por aqui. E só com o governo JK é que foi construída a rodovia Belém-Brasília.

Hoje, a partir de Brasília, por exemplo, é possível ir a qualquer parte do Brasil por rodovias: Sul, Sudeste, Norte e Nordeste. O estado de Goiás possui a segunda melhor e mais conservada malha rodoviária do país, atrás apenas de São Paulo. Além de Brasília, que possui um aeroporto internacional com o terceiro maior tráfego aéreo brasileiro, a região tem centros urbanos importantes, como Goiânia, Cuiabá, Campo Grande, Dourados e Anápolis.

Muitas hidrelétricas foram e continuam sendo construídas na região, como Corumbá, Rochedo, Cachoeira Dourada e São Domingos.

A construção de rodovias ou de hidrelétricas tem grande impacto sobre o meio ambiente. E toda essa infra-estrutura aumenta ainda mais o poder de atração que a região Centro-Oeste exerce sobre brasileiros de outras regiões. O que resulta em mais impactos sobre o meio ambiente.

ESECAE/SEMARRH



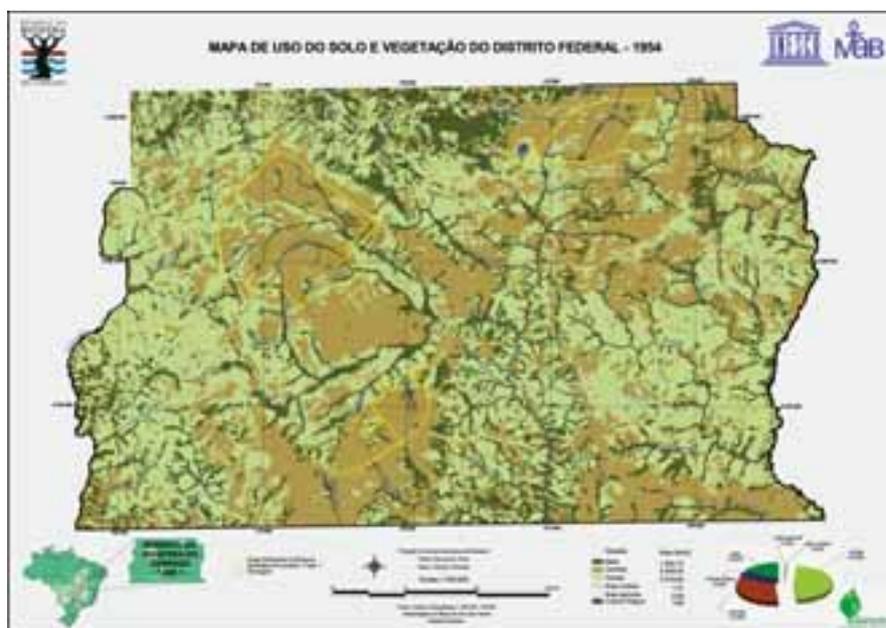
A transformação pelo crescimento urbano

Aqui na nossa região do Distrito Federal, o crescimento urbano acabou sendo muito maior do que se esperava. Olhando um mapa ou uma foto de Brasília é fácil perceber como a cidade é organizada. Ela foi toda planejada, ao contrário da maioria das cidades, que nascem. O projeto de Brasília foi escolhido por um concurso, vencido pelo urbanista Lúcio Costa, e é considerado um exemplo em todo o mundo. Mas nem tudo que foi planejado aconteceu. E o Distrito Federal tem hoje problemas que nem se imaginava quando foi criado.

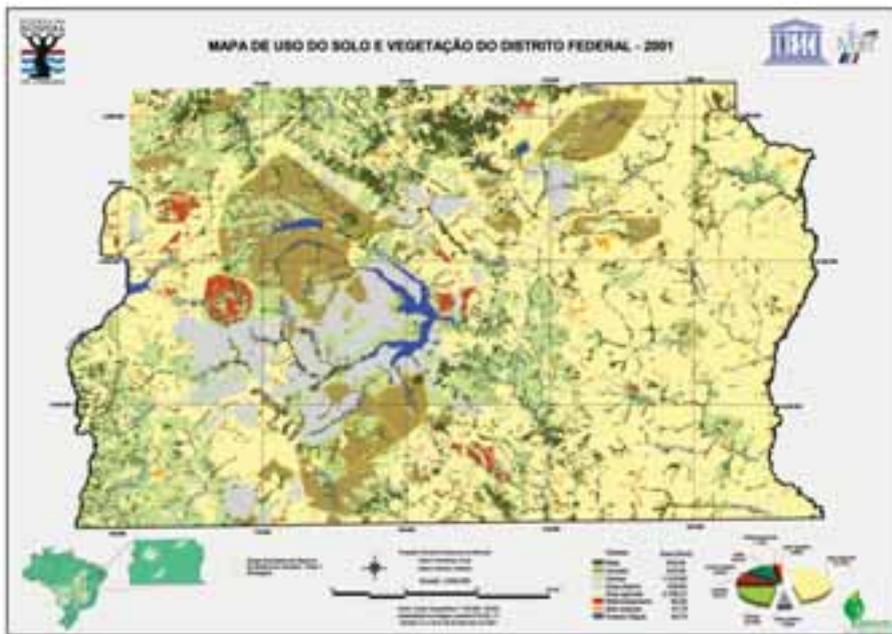
O projeto de Brasília previa que sua população crescería de maneira ordenada. Como capital do país, seria uma cidade praticamente só de funcionários públicos. Toda a região em torno do Plano Piloto, que forma o resto do Distrito Federal, seria como um imenso cinturão verde, com pequenas chácaras e sítios. Um grande lago, o Lago Paranoá, foi criado a partir do Rio Paranoá, para melhorar o clima seco.

Com isso, Brasília seria um centro urbano em perfeita harmonia com o meio ambiente da região. Mas a realidade foi bem diferente. Primeiro, grande parte dos trabalhadores que veio construir a cidade acabou trazendo suas famílias e ficando por aqui. Novos núcleos urbanos foram surgindo em torno do Plano Piloto. Depois, atraídos pela perspectiva de uma vida melhor sinalizada por aquela nova e bela Capital Federal, milhares de brasileiros migraram de todas as regiões do país.

Pelo projeto original, Brasília e o Distrito Federal deveriam ter cerca de 500 mil habitantes. Em 1970, essa meta já estava ultrapassada.



Em 1954, apenas 0,02% da região do Distrito Federal era ocupada por áreas urbanas. Em 1973, a ocupação chegou a 2,10%. Em 2001, subiu para 7,39%. Transformando esses percentuais em quilômetros quadrados, vamos ver que a ocupação urbana passou de 1.210 km², em 1954, para 122.800 km², em 1973, e



Observe as transformações ocorridas no Distrito Federal no período de 1954 a 2001

429.850 km², em 2001. Aumentou mais de 350 vezes em 50 anos! Não é difícil imaginar o que isso significou para o meio ambiente da região.

Com crescimento desordenado da ocupação urbana, os danos ambientais são inevitáveis. Esgotos são lançados diretamente nos rios, riachos e lagos, poluindo as fontes de captação de água para o consumo da própria população. As matas às margens dos rios e riachos são derrubadas, o que provoca o **assoreamento**. O lixo é depositado em locais inadequados, contribuindo para a poluição e propagação de doenças.

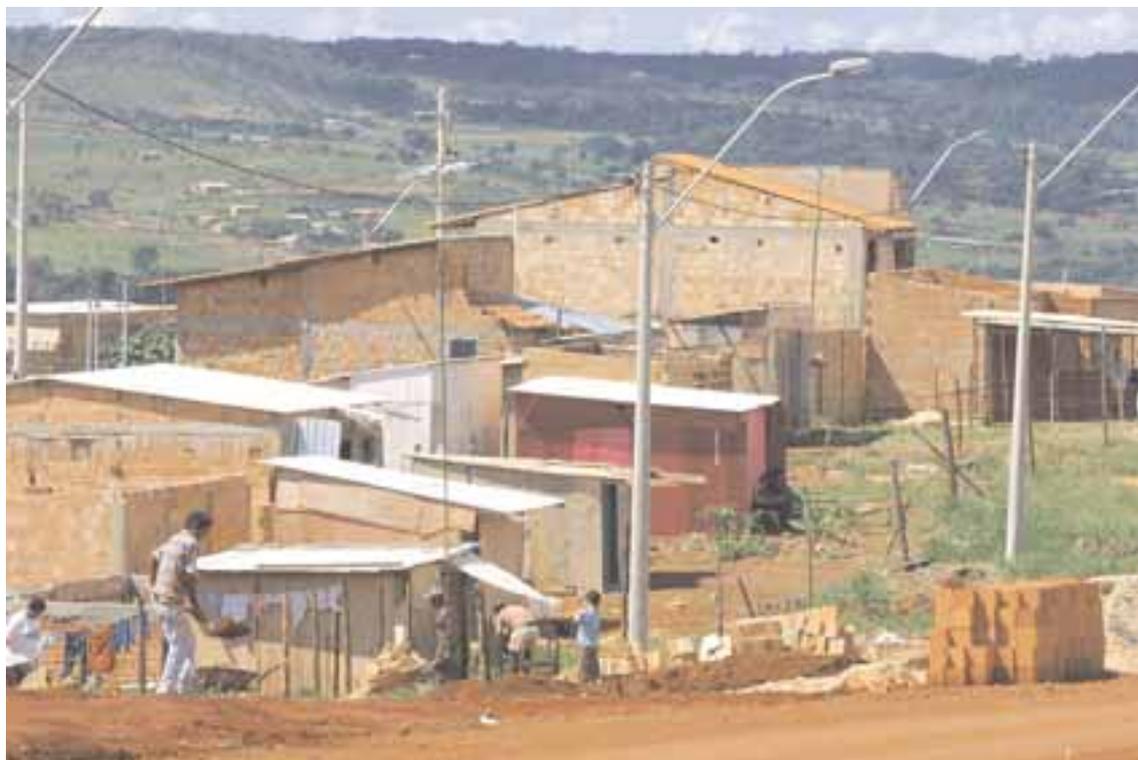


ESEC/AE/SEMARH

Assoreamento é o acúmulo de terra e detritos no leito dos rios, riachos e lagos, causado pelo desmatamento nas margens. Quando isso acontece, são freqüentes as enchentes.

Por isso os cidadãos e os governos precisam estar sempre buscando soluções para os problemas ambientais criados pela concentração de tanta gente. É o que vem acontecendo no Distrito Federal.

A busca de soluções



ESEC/AE/SEMARH

A ocupação desordenada do Distrito Federal não aconteceu apenas em função do surgimento de cidades não planejadas inicialmente como: Taguatinga, Ceilândia e Gama. Mesmo algumas cidades anteriores à construção de Brasília, como é o caso de Planaltina, foram crescendo de forma precária e irregular.

Além disso, foram inúmeras as invasões e a formação de condomínios irregulares. Existem até os “condomínios verticais”. Os invasores, ao invés de parcelar terras públicas para vender lotes (prática muito comum), constroem edifícios dentro de loteamentos ilegais.

Em 1988, havia em Brasília mais de 60 áreas de invasão. Na época, o governo criou um projeto de assentamento para remover as pessoas das áreas invadidas de uma forma diferente, ao invés de construir casas, como na maioria dos conjuntos habitacionais, optou pela distribuição de lotes semi-urbanizados, para que os moradores construíssem suas casas de acordo com as suas próprias possibilidades financeiras.

Vários núcleos urbanos ainda não dispõem de saneamento básico, mas ações do poder

público vêm sendo constantemente executadas para que essas questões sejam solucionadas. Um grande reforço para a resolução dos problemas é a implantação do Programa de Saneamento Básico do Distrito Federal.

Segundo a Companhia de Saneamento do Distrito Federal – CAESB, cerca de 90% da população do Distrito Federal é atendida pelo sistema de abastecimento de água, e aproximadamente 88% têm coleta de esgoto sanitário. Aproximadamente 66% do esgoto coletado recebe tratamento antes de ser lançado nos rios, riachos ou lagos.



ESECAE/SEMARH

Além do tratamento da água e dos esgotos, há a questão do lixo. Em média, cada pessoa produz 500 gramas de lixo por dia no Distrito Federal. Com isso, é preciso dar um destino para mais de um milhão de quilos por dia.

Cerca de 90% do lixo coletado no Distrito Federal vão para o Aterro Controlado do Jóquei Clube (Estrutural), que existe há mais de 30 anos. Como o próprio nome indica, esse não é um aterro sanitário completo, mas apenas controlado. Isso significa que ele não conta com toda a tecnologia para uma perfeita destinação do lixo. A outra parte coletada é encaminhada para as Usinas de Tratamento de Lixo, uma nas margens do Paranoá e outra em Ceilândia. Já o lixo hospitalar, os animais mortos, produtos impróprios para o consumo, drogas, entorpecentes e documentos sigilosos são incinerados na Usina de Incineração de Lixo Especial, na Ceilândia.

Além disso tudo, uma iniciativa fundamental para o futuro do meio ambiente no Distrito Federal é a criação das Unidades de Conservação. São áreas que o governo reserva para proteger os recursos naturais.

A mais importante delas é a Estação Ecológica de Águas Emendadas, com mais de 100 mil km². Nela está

Juan Praignestós





a origem de alguns dos mais importantes rios do Brasil. Está praticamente intocada e abriga fauna e flora que, em outras áreas do Cerrado, corre o risco de extinção.

Temos também o Parque Nacional de Brasília, com 300 mil km², e várias reservas ecológicas, áreas de proteção e reservas particulares. Todas essas Unidades de Conservação são lugares onde a ocupação humana é parcialmente aceita ou, às vezes, totalmente proibida. É uma forma que se encontrou, em todo o mundo, de proteger o meio ambiente e evitar que o crescimento das cidades, das plantações e tudo o mais, acabe destruindo toda a fauna e flora.

Mas de nada adianta planejamento do uso e ocupação de uma região, a criação de unidades de conservação e a construção de estações de tratamento de água e esgoto, se cada um de nós não colaborar também. A qualidade do nosso meio ambiente começa na nossa casa, nos bairros, nas escolas e comunidades.

Nossa ação no dia-a-dia – protegendo e conservando o meio ambiente e evitando o desmatamento, o desperdício e a poluição – significa uma contribuição valiosa, fundamental. A qualidade de vida na região onde a gente mora não é problema só dos governos. É de todos nós, que devemos cobrar e colaborar.

FINANCIAMENTO



BID
Banco Interamericano
de Desenvolvimento

REALIZAÇÃO

Secretaria de
Estado de Obras

Secretaria de Estado de Desenvolvimento
Urbano e Meio Ambiente

